

Editorial

Editar uma revista dita *científica* é atividade simultaneamente prazerosa e árdua. Tal contraste é em grande parte responsável pelo fato de que a Editoria de *Mnemosine* esteja, a partir do presente número, confiada apenas a mim, e não mais à dupla de professoras-pesquisadoras do Programa Clio-Psyché – o que implicava até então a presença, como editora, da Profa. Ana Maria Jacó-Vilela. Creio que tomamos a melhor decisão: falava eu sempre do “prazer”, e Ana do “árduo”. Por sugestão dela, fiquei sozinha à frente da tarefa – sem conflitos, pois Ana permanece como integrante do Conselho Editorial de *Mnemosine*.

Mas... de que prazer se trata? Talvez, como nos ensinou Roland Barthes, o “prazer do texto”. Ou talvez, como nos sugeriu Foucault, e ainda experienciam os que insistem na vida pulsante presente no convívio acadêmico, “a amizade como modo de vida”. Sim, pois editores, autores, pareceristas, secretários, colaboradores eventuais etc. não só textualizam o que aparece na rede como produto acabado – um novo exemplar de *Mnemosine*, por exemplo –, mas igualmente textualizam a multiplicidade de afecções que compõe “a invenção do cotidiano”, ou seja, as táticas, as “maneiras de caça não autorizadas” com as quais, no tempo, forjamos escapes aos lugares-espacos de domesticação da existência – o recurso a Michel de Certeau compõe a bela tríade inspiradora deste pouco (ou seria muito?) de possível.

Mas não se equivocam totalmente os que remetem ao “árduo” da edição de uma revista. Vejo-o configurado, contudo, menos pela presença de uma infinidade de tarefas – receber contribuições, enviá-las a pareceristas, garantir pontualidade na apreciação dos textos, voltar eventualmente a enviá-los aos autores para reformulações, por vezes (tristemente) recusar escritos e, em meio a tudo isso, manter uma periodicidade regular –, do que por alguns aspectos menos destacados por editores experientes. Dentre eles, destaco o *anonimato*: autores e pareceristas relacionam-se através de escritos não-identificados. Garantia de equanimidade nas avaliações? Talvez. Porém decerto também uma retirada dos textos da arena viva de problematizações, debates, sugestões matizadas, entusiasmos amorosos (ou raivosos..), diálogos, polêmicas, risos e tristezas. É muito para ficar em segredo, e esta “aprendiz de feiticeira-editora” gostaria que os

provavelmente raríssimos leitores deste Editorial pudessem auxiliá-la a pensar um “modo de vida editorial” menos dependente de recomendações científico-coercitivas, mais aberto a regras facultativas capazes de criar dobras éticas compartilhadas.

Vem atrasado este segundo número de 2006 – a pontualidade também ignora a arena das lutas. No entanto, sendo tal arena irrecusável, vem ele permeado de acontecimentos: um VII Encontro Clio-Psyché (ao qual se articulam alguns dos artigos), uma equipe pequena, mas aguerrida (Isabel, Daniel e Emerson estão presentes a cada linha da telinha do computador), e mais tantos outros textos, paratextos e contextos – dentre os quais cumpre mencionar especialmente a receptividade e delicadeza com que autores e pareceristas a nós se dirigem, menos preocupados com a “avaliação oficial” (nota A, B ou C...) de nosso periódico do que com a expansão (e efeitos no presente) dos estudos de história dos saberes e práticas psi veiculados por *Mnemosine*.

Conforme tem sido habitual, renuncio a apresentar o conteúdo dos artigos deste número: não me abandona a sensação de ser impossível fazê-lo sem advertir, sem tentar controlar previamente o eventual impacto dos discursos – o que não representa nenhum compromisso para todo o sempre, tanto que me disponho a dizer algo sobre a biografia de Guerreiro Ramos que ora publicamos. Por que Guerreiro Ramos, visto que se trata de um sociólogo, e nos dedicamos à história da Psicologia? Sem descartar nossa interdisciplinaridade, transdisciplinaridade ou qualquer denominação que se queira dar a uma saudável indisciplina quanto aos campos instituídos de saber, é ainda pouco divulgada a participação de Guerreiro Ramos no Teatro Experimental do Negro e as práticas psicodramáticas por ele desenvolvidas nesse âmbito – algo que significa bem mais do que um formal “pioneirismo”, por se tratar de uma experimentação vital e política de excepcional alcance. A biografia redigida por Lícia Lippi de Oliveira nos dá a possibilidade de acercar-nos de tal experimentação em meio às encruzilhadas de uma vida teórico-política invariavelmente provocadora.

Finalizando, anuncio que não deve tardar nosso próximo número – acontecimento para o qual, uma vez mais, contribuem o prazer, a vida e a amizade.

Heliana de Barros Conde Rodrigues